

Uma garantia para as editoras

O auxílio da FAPESP funciona como "um lastro para a editora que aposta no trabalho de um autor", segundo Rodrigo Lacerda, editor assistente da Editora da Universidade de São Paulo (Edusp). "Nos Estados Unidos, essa garantia é a compra de exemplares pelas bibliotecas públicas e universitárias em grande quantidade. De alguma forma, auxílios como o da FAPESP suprem em parte essa falta de compra por bibliotecas, no Brasil", comenta.

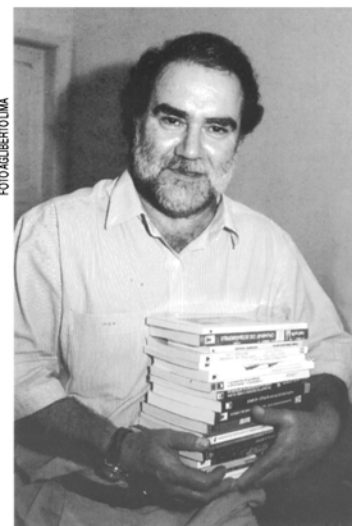
Assim como outras editoras, a Edusp pratica a redução do preço de venda de livros apoiados. Lacerda informa que tem havido crescimento no número de livros com o auxílio da Fundação e que nos últimos anos a editora vem publicando uma média de dez livros por ano com esse suporte.

Flávio George Aderaldo, diretor da Editora Hucitec, salienta que o apoio da FAPESP, além de propiciar um risco comercial assimilável pelas editoras e baratear o preço do livro, até permite que uma obra seja melhor editada, com o acabamento gráfico mais sofisticado que muitas vezes o conteúdo exige. Entre as causas da retração do mercado, Aderaldo destaca a redução do poder aquisitivo de professores e estudantes. "A disseminação das cópias reprográficas também era um problema sério, mas tende a diminuir com a nova legislação de direitos autorais." Lembra que as editoras acadêmicas

são pequenas, com poucos recursos financeiros e de pessoal para fazer a divulgação dos livros: "Muito da publicidade dessas obras acaba ocorrendo devido as relações pessoais entre acadêmicos e jornalistas".

"Há 20 anos, muitas teses eram disputadas pelas editoras. As teses vendiam bem. Hoje em dia, grande parte delas não seria editada sem esse tipo de auxílio e patrocínios", explica Túlio Kawata, editor executivo da Editora Unesp. Para ele, um dos principais problemas para a ampliação do mercado é a carência de maior divulgação científica, "apesar de haver alguns ótimos jornalistas especializados e algumas publicações essenciais, como a revista *Ciência Hoje*, da SBPC". Quanto à redução do preço do livro, Kawata explica que "o próprio consumidor espera que o livro seja mais barato quando depara com um volume que contenha o logotipo da FAPESP na capa". A Editora Unesp tem lançado uma média de quatro livros por ano com o apoio da Fundação. Entre eles figura *História das Mulheres no Brasil*, organizado por Mary del Priori, da USP, ganhador do Prêmio Jabuti em 97 e já em sua segunda edição.

A Editora Estação Liberdade possui em seu catálogo cinco livros que contaram com o auxílio. Angel Bojadsen, seu editor executivo, não concorda que a divulgação do livro na mídia seja tão relevante: "O problema é conseguir



Flávio George Aderaldo: apoio da FAPESP, permite que uma obra seja melhor editada

uma distribuição que atinja todo o país. Um fato grave é o fechamento de pequenas livrarias em várias regiões do país. Nas grandes livrarias, geralmente voltadas para a venda de *best-sellers* e tendências esporádicas, as obras acadêmicas não encontram espaço adequado".

Bojadsen não acredita que o auxílio possa ser utilizado como tábua de salvação por pequenas editoras, pois "nenhuma editora conseguiria sobreviver apenas lançando livros com auxílio da FAPESP". Ressalta ainda que as obras acadêmicas são de difícil edição, por isso gostaria que a Fundação contemplasse não só parte dos custos gráficos mas também parte dos custos editoriais, como a preparação e revisão de originais e o projeto gráfico.

Autores relatam dificuldades

"De uma maneira ou outra, pode-se sempre publicar um livro no Brasil ou no exterior. O problema é que isso pode demorar alguns anos para se concretizar, com muita perda de tempo e energia, que seriam melhor investidos em pesquisas adicionais." O comentário é do zoólogo Nelson Papavero, da USP, co-autor ou organizador de quatro livros publicados com o auxílio da FAPESP, sendo o mais recente *A Protogaea de G. W. Leibniz (1749)* (Editora Plêiade).

Segundo Papavero, a aceitação dos livros tem sido boa, sobretudo quando tratam de assuntos diretamente vinculados aos temas ensinados na pós-graduação. Diz que não há dúvida de que esteja crescendo o número de pesquisadores que publicam livros: "Isso se deve não só a um certo amadurecimento dos pesquisadores nas diversas áreas científicas mas também ao aumento considerável da possibilidade de publicação, graças à FAPESP."

Para o professor Ricardo Ferreira Bento, da USP, um dos autores de *Tratado de Otolgia* (Edusp/Fundação Otorrinolaringologia), atualmente cabe ao pesquisador tanto se dedicar às suas atividades de pesquisa e ensino quanto carrear recursos para suas atividades e ajudar a divulgá-las para a sociedade em geral. Escrever livros e procurar meios e recursos para lançá-los

faz parte de suas atribuições.

Seu livro destina-se a alunos de graduação e pós-graduação em medicina e exigiu um trabalho gráfico sofisticado. "Numa editora comercial, dificilmente isso seria atingido, daí a importância de contar com o auxílio e patrocínio para publicá-lo numa editora universitária."

O professor Li-Sei Watanabe, da USP, teve de retirar seu livro anterior da gráfica que se comprometera a publicá-lo e custear com recursos próprios o trabalho final de edição e impressão. Seu trabalho mais recente, *Scanning Electron Microscopy Atlas of Cells and Tissues of the Oral Cavity*, foi produzido com verbas da FAPESP e do CNPq.

Watanabe nota que na área médica as editoras se interessam por volumes didáticos, destinados a alunos de graduação e pós-graduação, mas manifestam pouco interesse em livros sobre pesquisas. Seu livro é uma edição de autor. Ele não comercializa os exemplares, apenas os distribui, gratuitamente, a especialistas do Brasil e do exterior e a outros interessados que o procuram.

Júlio Pimentel Pinto, da PUC/SP, lançou este ano *Uma Memória do Mundo: Ficção, Memória e História em Jorge Luis Borges* (Editora Estação Liberdade). Lembra que a editora havia demonstrado interesse no livro, mas

este teria de aguardar o momento oportuno para sua inserção no cronograma da empresa. "Graças ao apoio da FAPESP, o livro pôde ser publicado num prazo relativamente menor."

Pimentel comenta que há casos em que um trabalho sem mercado para lançamento em livro é partido em capítulos ou resumido, para divulgação na forma de artigos em revistas. "Isso é bom para que os pesquisadores divulguem o andamento dos trabalhos, mas prejudica a apresentação completa e integrada de uma pesquisa na forma de livro." Pimentel gostaria que o auxílio contemplasse mais trabalhos ensaísticos, como as teses de livre-docência, geralmente sujeitas a essa partição em artigos.

Tullo Vigevani, da Unesp, é um dos autores de *Mercosul: Impactos para Trabalhadores e Sindicatos* (LTR/Cedec) e diz que procurou a editora já com a proposta de pedir o apoio à FAPESP. Garante que outros livros que escreveu não teriam sido publicados se não tivessem contado com o auxílio da Fundação.

Vigevani observa que um mercado para os livros acadêmicos não pode ser criado sem a satisfação de condições prévias: "Se houvesse um mercado básico de aquisição de livros por bibliotecas haveria a possibilidade inclusive do barateamento do livro para consumidores individuais".